

A DINÂMICA DA TRANSFERÊNCIA, CONTRATRANSFERÊNCIA E O PAGAMENTO DO ANALISTA COM O CERNE DO SEU SER

Ana Beatriz Silva Aguiar

Acadêmica do 9º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande.
anaaguiaarsilva09@gmail.com

Mariana Paiter Gozzo

Acadêmica do 10º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande.
maripaitergozzo@gmail.com

Vitor Yuishi Correa Kurossaki

Acadêmico do 10º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande
vitorkurossaki@gmail.com

Anna Isabel Araujo Vaz

Professora especialista orientadora do Estágio Supervisionado Específico I e II em Políticas de Saúde do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande.
anna.vaz@univag.edu.br

O presente trabalho é resultado da produção teórica desenvolvida a partir do Estágio Supervisionado Específico II: Políticas em Saúde, sob orientação psicanalítica, como parte do processo de ensino e aprendizagem. Também visa-se descrever as dinâmicas de transferência e contratransferência observadas nas práticas de estágio, bem como, identificadas pelos alunos um elemento de delicado manejo nas práticas clínicas com os pacientes atendidos no serviço de psicologia da clínica integrada. A problemática abordada neste trabalho diz respeito à importância e complexidade das dinâmicas transferenciais e contratransferenciais no processo analítico, assim como o impacto que essas relações têm na evolução do tratamento. Como fundamentação teórica foram utilizados neste trabalho as obras de Sigmund Freud, precursor da psicanálise; Jacques Lacan, como corrente teórica pós freudiana; Élisabeth Roudinesco, Michel Plon, Machado, Landi e Chatelard. Freud compreendeu a transferência como mola propulsora do mecanismo de funcionamento no tratamento analítico, enquanto Lacan buscou introduzir a ideia de que a transferência articula-se a partir da relação entre o sujeito e o Outro, posicionando o analista como o “Sujeito Suposto Saber”. De acordo com Machado, o desejo do analista é um ponto crucial para o processo de análise, mas qual seria esse desejo? Em que implicaria no processo transferencial? É necessário que o analista tenha um desejo maior que o seu próprio desejo, o desejo do saber real, pois sendo o analista também um ser desejante é necessário que administre na economia do seu desejo as condições necessárias para oferecer ao analisando seu semblante como objeto a e sustentar as análises a seu cargo. A transferência, termo essencial da psicanálise mas que não é derivado dela, em geral pode significar transporte ou deslocamento de algo. Para tanto, a história da constituição da transferência como um fator importante no tratamento analítico se dá pela inovação freudiana a considerá-la instrumento de cura no decorrer do tratamento. A Transferência, conforme discutida por Freud e aprofundada posteriormente por outros autores, refere-se à projeção inconsciente de desejos e sentimentos do paciente sobre o analista, reproduzindo relacionamento anteriores e experiências passadas. A substituição da sugestão e da hipnose deram lugar a relação entre analista e analisando e os manejos frente a essa relação aos quais permitem que o paciente direcione e repita a forma como se estabelece a relação com seu desejo, e inclusive as resistências ao tratamento nesta relação. A resistência por sua

vez, pode ser considerada como o conjunto de reações manifestadas pelo analisando dentro do processo analítico sendo papel do analista compreender as manifestações desses fenômenos e intervir sobre elas, a fim de evitar que se tornem obstáculos ao tratamento, objetivando portanto que se tornem ferramentas terapêuticas que possam possibilitar o avanço deste processo, ciente que este fenômeno - a resistência - acompanha e acontece do início ao fim do tratamento, fazendo parte dos percalços vividos no processo analítico passíveis de interpretação, por meio do mecanismo da transferência. Freud aponta que a transferência é um terreno sobre o qual é preciso conseguir uma vitória, bem como a mais forte resistência ao tratamento. Buscando também compreender como as manifestações podem ser manejadas pelo analista para evitar que se tornem obstáculos ao tratamento e, ao contrário, sejam ferramentas terapêuticas que possam possibilitar o avanço deste processo. Há uma divergência na concepção do lugar da transferência no tratamento, esbarrando também nos manejos contratransferenciais; sendo diferenciado seu manejo pelo analista frente às escolas pós-freudianas, havendo o entendimento de que independente dessas divergências a transferência é essencial para o processo do tratamento, como traz Roudinesco e Plon. A partir da perspectiva lacaniana, a transferência se estabelece numa relação entre o sujeito e o Outro, e que, em uma análise, direciona à figura do analista a posição de Sujeito Suposto Saber. É visto por Lacan como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, juntamente com inconsciente, repetição e pulsão. Lacan ainda interliga a transferência à pulsão, a concebendo como “a encenação, através da experiência analítica, da realidade do inconsciente”. Freud, em “A dinâmica da transferência”, postula que esse investimento libidinal com o qual o sujeito conduz sua vida amorosa, também se volta em parte para o médico (analista) que conduz o tratamento, e esse afeto faz referência às imagos parentais. Neste texto, Freud ainda discorre sobre os tipos de transferência, sendo algumas delas entendidas sob a manifestação das resistências, já que a transferência pode ser positiva, com sentimentos ternos e amigáveis manifestados por parte do paciente e também pode ser negativa, com a manifestação de sentimentos hostis; além disso, há a transferência positiva com a manifestação de impulsos eróticos, os quais Freud coloca junto a transferência negativa como sendo o cerne da resistência no processo de análise. Freud realiza um apontamento pertinente que caracteriza o fenômeno da transferência como algo que fornece aos psicanalistas as maiores dificuldades ao controle, mas que justamente a esse fenômeno “nos prestam o inestimável serviço de tornar atuais e manifestos os impulsos amorosos ocultos e esquecidos dos pacientes”, conforme coloca. Ao tratar sobre a transferência, e como ela se estabelece durante o processo de tratamento, é necessário mencionar também os efeitos da contratransferência, a qual Roudinesco e Plon descrevem como o conjunto das manifestações inconscientes por parte do analista relacionadas às questões transferenciais do analisando. Freud denota ser afetado pelas questões trazidas por seus pacientes e cunha o termo de contratransferência a esse fenômeno em 1909, “que se instala no médico através da influência do paciente na sensibilidade inconsciente do médico”, segundo apontam Roudinesco e Plon. Os autores ainda apontam sobre a importância de que o analista reconheça e domine esse fenômeno quando aparece, “sabendo que nenhum analista pode ir além do que permitem suas resistências internas”. E diante disso tem-se a importância de que o analista esteja em análise. Lacan, por sua vez, conforme traz Roudinesco e Plon, pontua que a contratransferência e que a transferência tem sempre o mesmo sentido, “indicar os momentos de errância e também de orientação ao analista, o mesmo valor de nos convocar à ordem de nosso papel: um não-agir positivo”. Lacan, coloca a transferência mesmo quando nos momentos emotivos como a manifestação em função do momento dialético em que se produz,



sendo um erro por parte do analista deixar-se imergir nos enlaces contratransferenciais. Há portanto um pagamento que o analista faz, conforme aponta Landi e Chatelard, em que Lacan diz que o analista oferece a sua interpretação às palavras ditas pelo analisante, constituindo a relação de tratamento entre analista, analisante e o Outro; paga com seu ser servindo de falta-a-ser, sendo suporte na transferência para as ideias libidinais direcionadas a si. O analista paga para ocupar o lugar de morto, para que assim surja o desejo inconsciente.

Palavras-chave: 1. Psicanálise 2. Transferência 3. Contratransferência 4. Analista.